



## O Monstro por meio dos impressos efêmeros: o que a representação desses seres tem a dizer na Inglaterra do século XVII?

Luísa Padua Zanon\*

ZANON, L. P. O Monstro por meio dos impressos efêmeros: o que a representação desses seres tem a dizer sobre a Inglaterra do século XVII?

*História Social*, v. 19 n. 27/28, 2024, pp. 31-64

<https://doi.org/10.53000/hs.v19i27/28.5267>

---

**Resumo:** A Inglaterra do século XVII pode ser considerada por suas agitações político-religiosas e o desenvolvimento de um expressivo mercado livreiro. Face a esse contexto, verifica-se a profusão de textos sobre a aparição de monstros, o que leva a questionar qual era o significado desses seres. Uma vez que os monstros não eram tratados como meras curiosidades, o presente texto almeja compreender como esses documentos de caráter efêmero representavam o monstro, sendo ele uma expressão das ansiedades sócio-históricas sujeitas à leitura e ao manejo político da época. Pensa-se, portanto, como a Inglaterra de *cabeça para baixo* pode ser lida a partir dos monstros vociferados por meio de suas produções culturais.

**Palavras-chaves:** Monstros. Impressos efêmeros. Inglaterra Moderna.

---

\* Mestrado em andamento em História na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com orientação da Profa. Dra. Silvia Liebel. Professora da Educação Básica da Rede Privada de Belo Horizonte. Email: luisa.pzanol@gmail.com.



## The Monster through ephemeral prints:

What does the representation of these beings have to say in 18th century England?

Luísa Padua Zanon

---

**Abstract:** Seventeenth-century England can be seen as a result of its political and religious turmoil and the development of a significant book market. Given this context, it can be seen a profusion of texts on the intimacy of monsters, which leads us to question the significance of these creatures. Not treated as mere curiosities, these ephemeral documents represented the monstrous as an expression of the socio-historical anxieties that could be political management. In doing so, it considers how England turned upside down can be read from the monsters that were vociferated through its cultural productions.

**Keywords:** Monsters. Ephemeral texts. Modern England.

Como pontuado por Michel de Certeau em sua obra *A escrita da História*, a linguagem é produtora de sentido, dando vazão a sentimentos, angústias, críticas ou denúncias sociais. Por meio dos textos e da palavra escrita, torna-se possível assumir um dado lugar no mundo, ecoando novas sensibilidades e condensando fragmentos a ponto de atribuir a eles uma dada conotação. Todavia, esse processo de comunicação e divulgação de textos revestiu-se no tempo de uma dinamicidade, englobando diferentes atores, sujeitos e interesses. Nesse longínquo percurso, a invenção da prensa foi um ponto crucial para o alargamento do mundo escrito em seus mais amplos aspectos, a incluir a divulgação de novos tópicos e a atração de novos leitores. Nesse sentido, os materiais impressos possibilitaram a circulação de ideias e mensagens, ocasionando na ampliação do processo de transmissão de informações ou ainda, na promoção de agendas públicas e crenças pelo mundo.

De certo, não se pode ignorar que as práticas manuscritas ainda eram elementos importantes no mundo moderno e que elas não foram apagadas pela invenção da prensa. Ao contrário, notabiliza-se como os impressos fomentaram alterações na própria relação entre a palavra escrita e os indivíduos. Por meio de uma multiplicidade de formatos - desde panfletos, baladas, sermões ou folhas volantes - verifica-se a mobilização de afetos e propagandas político-religiosas por meio dos textos, possibilitando novos modos de interação social, política ou cultural. Ao darem voz e sentido às angústias sociais de cada momento e permitirem a disseminação de teorias e concepções da época, tais objetos informavam a população local e permitiam a integração dessa. Ao mesclarem a cultura oral com a construção da palavra escrita, esses impressos também ultrapassavam as barreiras do letramento, representando, conforme indica Silvia Liebel, o espírito de seu tempo e a acepção de determinados arquétipos ali existentes<sup>2</sup>.

Não se perde de vista aqui, portanto, a significância da prensa e dos materiais oriundos das casas de impressão para a história. Ao ater-se

---

<sup>2</sup> LIEBEL, Silvia. Les Médées modernes: La cruauté féminine d'après les canards imprimés français (1574-1651). 1<sup>a</sup> ed. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2013, p. 199.

a essa perspectiva, o presente artigo se dedica a analisar como os textos impressos - em especial aqueles caracterizados como efêmeros - portaram-se como importante ferramentas na difusão de conhecimento e informações nos escopos sociais, sobretudo no que diz respeito aos monstros na Primeira Modernidade<sup>3</sup>. Tomando a Inglaterra do século XVII como foco central, busca-se compreender, por meio de alguns exemplos desse tipo de produção impressa, como os monstros puderam ser retratados em muitos textos da produção tipográfica desse momento. Não obstante, ao debruçar-se sobre essa temática da monstruosidade, pensa-se como e qual era a representação desses seres, entendendo como o monstro poderia ganhar corpo e voz através dos impressos e qual o papel desses enquanto ferramentas de exteriorização de anseios ou temores da época. Para tanto, reflete-se ainda como essas criaturas monstruosas se interligavam ao tumultuado cenário inglês dos anos seguintes à década de 1640 e como os entraves entre o rei e o parlamento no país também poderiam ser correlacionados às narrativas sobre monstros.

Dentro desses aspectos, é válido mencionar como o século XVII foi um período de intensas transformações políticas e religiosas na Inglaterra. A princípio, a alternância da casa real dinástica dos Tudor para a dos Stuart, em 1603, aloca-se como um primeiro desgaste político na cena pública inglesa, uma vez que a dinastia escocesa que sucede ao trono encabeça uma série de atritos com o parlamento. Desse modo, a ocorrência da Guerra dos Trinta Anos, a eclosão da Guerra Civil a partir de 1642 e os conflitos entre Escócia, Irlanda e Inglaterra evidenciam como

<sup>3</sup> O uso do termo *Primeira Modernidade* aparece aqui como uma alusão ao início daquilo que se enquadra como “período moderno”, com uma ênfase, especificamente, no século XVII. Há que se deixar claro, portanto, que essas delimitações são divisões artificiais e pautadas em marcos cronológicos ocidentais. Desse modo, o uso dessa expressão não aparece com o intuito de firmar uma linearidade ou estaticidade da época, mas, ao contrário, de melhor compreender o período moderno inglês e as suas respectivas mudanças, evidenciando aspectos patentes desse momento (como as rupturas religiosas e políticas e o contato com a América, bem como o advento da prensa e a proliferação de impressos). Para tal uso, baseia-se, na própria expressão em inglês *Early Modern* - a qual chama a atenção exatamente para o período do século XV a XVII, de modo a abranger as contingências vivenciadas pela Inglaterra.

o clima de animosidades nos três Reinos era controverso. Em similitude, o regicídio de Carlos I em 1649, a proclamação de uma breve República sob o comando de Oliver Cromwell e a posterior Restauração Monárquica em 1660 se destacam como elementos que demonstram esse clima de intensa subversão e alteração da ordem política na Inglaterra. O que se percebe, portanto, é um cenário de disputas por poder e disseminação de propagandas políticas, ora encabeçadas pelos apoiadores do rei, ora por aqueles favoráveis ao parlamento.

Longe de reduzir tal confronto a um mero binarismo entre “parlamentares” versus “rei”, há um esforço em se demonstrar como esses atritos políticos na Inglaterra, ainda que se pese as suas complexidades, contribuíram para o acirramento de ansiedades sociais. A exemplo, Verônica Lima esboçou como “os primeiros anos da década de 1660 foram marcados por execuções públicas de inimigos da Monarquia”<sup>4</sup>, sendo a preocupação com a traição política algo notório naquela sociedade. Não por acaso, a crença em complôs inimigos, traidores, regicidas ou conspiradores eram cada vez mais frequentes, nas palavras de Michel Braddick<sup>5</sup>. É face a essa atmosfera de mortes, entraves políticos e medos que se pode pensar em um mundo de “cabeça para baixo” na Inglaterra, em uma simples alusão ao termo utilizado por Christopher Hill em sua obra *O mundo de ponta-cabeça: ideias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*<sup>6</sup>.

Ainda que se ressalte toda uma historiografia revisionista em relação aos trabalhos publicados por Hill e a necessidade de um cuidado no trato de sua obra, o uso do termo “ponta-cabeça” permite pensar como a sociedade inglesa encontrava-se com uma ordem invertida mediante as significativas alterações e rupturas na arena política. A expressividade

<sup>4</sup> LIMA, Verônica Calsoni. **Da edição à sedição:** a composição e a dispersão de impressos radicais na Inglaterra, 1650-1680. 2023. 458 f. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2023, f. 279.

<sup>5</sup> BRADDICK, Michael. Mobilisation, anxiety and creativity in England during the 1640's. In: MORROW, John; SCOTT, Jonathan (eds.). **Liberty, Authority, Formality:** political ideas and culture, 1600-1900. Exeter: Imprint Academic, 2010, p. 175-193. Esp. p. 179.

<sup>6</sup> HILL, Christopher. **O mundo de ponta-cabeça:** ideias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640. Tradução de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

do regicídio de Carlos I e as próprias disputas entre os agentes políticos permitem considerar como as ansiedades locais puderam ser ainda mais exacerbadas a partir da segunda metade do século XVII, influenciando na percepção sobre as mulheres, as instituições, a autoridade masculina e a existência de certos grupos sociais. Esse aspecto de subversão, no que lhe concerne, é entendido aqui, portanto, como uma importante dimensão para a apreensão dos monstros nessa época, uma vez que se tem a proliferação de relatos de nascimentos ou aparições monstruosas, bem como discursos escatológicos e que apontavam para a crença no fim do mundo. E é por meio dos impressos, consequentemente, que essas ideias vão ser disseminadas, ao passo em que os textos oriundos da imprensa assumiram um importante papel no compartilhamento de notícias pela Europa.

Jaz em um primeiro momento, portanto, a necessidade de se pontuar que esses atritos político-religiosos da sociedade inglesa do século XVII e a sua correlação com os relatos de monstros não podem ser reduzidos a meras postulações empíricas ou visões positivistas ou teleológicas. Procura-se entender, ao contrário, como a monstruosidade era parte do conjunto de crenças da Inglaterra, de modo que tais seres compunham parte do escopo comum dos indivíduos da época. Longe de criaturas apenas fantasiosas ou fruto da ausência de avanços científicos na medicina ou biologia, os monstros eram objetos de fascínio e curiosidade do período, despertando produções teratológicas e observações pragmáticas ao seu respeito. Como pontua Luca Baratta, essas criaturas eram imbuídas de um significado bem mais profundo e complexo para a comunidade inglesa<sup>7</sup>. Ora tidos como maravilhas da natureza, ora revestidos de um caráter pressagioso, eles alertavam para algo e indicavam uma punição divina em relação aos humanos, bem como indicavam a presença de algum desvio ou subversão.

Como ressaltado anteriormente por Claude Kappler, os monstros faziam parte de um repertório cultural próprio da Modernidade, sendo acrescidos de uma leitura religiosa cristã que adornava boa parte das

<sup>7</sup> BARATTA, Luca. **A Marvellous and Strange Event:** racconti di nascite mostruose nell'Inghilterra della prima età moderna. Firenze: Firenze University Press, 2016, p. 70.

comunidades ocidentais<sup>8</sup>. Além de comportarem influências das apreensões clássicas e das discussões promovidas no medievo mediante a construção dos bestiários, a teratologia revestiu-se de uma intensa sofisticação no tempo, sendo ainda mais incentivada pelo contato com diferentes povos e culturas e a subsequente necessidade de se refletir sobre esses grupos. Tais aspectos serviram para dar ainda mais corpo ao repertório imagético e textual acerca desses seres, atribuindo uma série de particularidades a eles ao longo da Primeira Modernidade. Desse modo, verifica-se na Inglaterra do século XVII a existência de uma real crença no monstruoso, a qual se sustentava e ganhava força por meio de dispositivos teológicos, culturais e médicos, conforme explanou Timothy Beal<sup>9</sup>. Ao ter em mente esse panorama, pode-se argumentar, em compasso a obra de Jeffrey Cohen e as suas sete teses em relação ao monstruoso, como tais seres detinham complexidades relativas ao seu contexto de surgimento<sup>10</sup>. Para o autor, o qual aloca o monstro enquanto um produto histórico, datável e localizado no tempo, as culturas poderiam, portanto, ser lidas pelos próprios seres monstruosos os quais elas engendram.

Ao pautar-se nessa assertiva, sustenta-se como a Inglaterra da Primeira Modernidade pode ser lida a partir dos monstros vociferados por meio de suas produções culturais. Nesse caso, atenta-se aqui para os textos impressos e a capacidade desses de mobilização de um dado imaginário ou repertório cultural acerca dos monstros. Para tanto, mobiliza-se os conceitos de representação à luz de Roger Chartier<sup>11</sup> e, em

---

<sup>8</sup> KAPPLER, Claude. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p. 254.

<sup>9</sup> BEAL, Timothy. Introduction to Religion and Its Monsters. In: WEINSTOCK, Jeffrey Andrew (ed.). **The Monster Theory Reader**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020, p. 295-302. Esp. p. 300.

<sup>10</sup> COHEN, Jeffrey Jerome (ed.). **Monster Theory: Reading Culture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996, p. 4.

<sup>11</sup> CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. São Paulo, vol. 1, nº 5, 1991, p. 173-191.; \_\_\_\_\_. Defesa e ilustração da noção de representação. Fronteiras. Dourados, vol. 13, nº 24, 2011, jul./dez, p. 15-29.

certa medida, a noção de imaginário, a partir das obras de Silvia Liebel<sup>12</sup> e Hilário Franco Júnior<sup>13</sup>. Por meio desse repertório, torna-se possível uma atenção aos textos impressos do século XVII e as ideias por eles anunciadas, esmiuçando a forma pela qual se pretende analisar o trato da monstruosidade nesses documentos.

Embasando-se nas assertivas de Chartier, parte-se das postulações acerca de como a representação é uma forma de “*re-apresentar*” algo ao mundo, permitindo a compreensão das diversas relações que os indivíduos mantêm com o seu escopo social. Por meio delas, tornar-se-ia possível compreender como uma dada realidade pode ser descrita e organizada, fazendo conceber uma forma de significar ou hierarquizar as comunidades e suas interações. Para além da notoriedade do termo, refletir em torno das representações, sobretudo aquelas veiculadas textualmente, remete a como a sociedade inglesa do século XVII pode ser exibida e percebida culturalmente, colidindo com as disputas por identidade ou poder existentes naquela comunidade. Nesse prisma, uma análise por meio das representações possibilita o entendimento de como os ingleses atribuíram um dado significado às suas vivências e, sobretudo, ao monstruoso construindo um mundo social pelo pensamento. E é a partir desse conjunto de “representações sobre o mundo vívido, do visível e do experimentado, assim como dos medos, dos sonhos e desejos de cada um”<sup>14</sup> que se pensa, portanto, na criação de um certo imaginário. Isso abre espaço, por sua vez, para compreender como a crença na monstruosidade foi formulada e reproduzida, ganhando voz e notoriedade no decurso do tempo.

Valendo-se dos apontamentos de Franco Júnior, entende-se aqui “imiginário” como “um conjunto de imagens visuais e verbais gerado

<sup>12</sup> LIEBEL, Sílvia. **O mundo às avessas na Europa dos séculos XVI e XVII:** Humor, sandice e crítica social. 2006. 180 f. Dissertação (Mestrado em História, linha de pesquisa Espaço e Sociabilidades). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba, 2006.

<sup>13</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Cocanha:** a história de um país imaginário. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>14</sup> PESAVENTO, Sandra. Cultura e Representações, uma trajetória. **Anos 90.** Porto Alegre, vol. 13, nº 23/24, 2006, jan./dez., p. 45-58. Esp. p. 50.

por uma sociedade (ou parcela desta) na sua relação consigo mesma, com outros grupos humanos e com o universo em geral”<sup>15</sup>. Não há, por conseguinte, a pretensão de se confundir no presente artigo a ideia de “imaginário” com aquilo que seria definido como “imaginação”, em uma conotação exclusiva à atividade psíquica individual. Ao contrário, dialoga-se com as assertivas de Hilário Franco Júnior de se interpretar o imaginário como uma construção coletiva, a qual se reveste de uma vivacidade no tempo. Em consonância às palavras de Robert Muchembled, “o imaginário coletivo é vivo, pois tem modelagem infinita, segundo os grupos sociais, as classes de idade, os sexos, os tempos e os lugares”<sup>16</sup>.

Partir dessa definição de imaginário face à análise dos materiais oriundos da prensa faz ainda mais sentido quando se entende que tanto a crença na monstruosidade como a produção de textos na Inglaterra, estavam interligadas a um determinado domínio cultural e simbólico, de modo que o imaginário exercia “influência na produção de símbolos portadores de múltiplos significados”<sup>17</sup>. Em similitude, ao entender que o imaginário é construído por “sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens constroem através da história para dar significados às coisas”<sup>18</sup>, torna-se palpável a análise da monstruosidade e das ideias circulantes em relação a esse tema no que diz respeito aos materiais publicados por impressores e impressoras no século XVII inglês.

Opera-se tais termos, portanto, tendo em vista que os impressos da época, além de reproduzirem informações ou servirem a propósitos de entretenimento ou propaganda, poderiam vociferar representações acerca de um dado grupo ou de uma certa contingência social. Em um entrecruzamento com a monstruosidade, o monstro, além de ser um objeto de fascínio e atenção, localizado temporalmente e espacialmente por essas fontes, poderia, por vezes, ser um elemento retórico, metaforizando um inimigo

<sup>15</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Cocanha**. p. 16.

<sup>16</sup> MUCHEMBLED, Robert. **Uma História do Diabo - Séculos XII-XX**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001, p. 9.

<sup>17</sup> LIEBEL, Sílvia. **O mundo às avessas na Europa dos séculos XVI e XVII**. p. 16.

<sup>18</sup> PESAVENTO, Sandra. **Cultura e Representações, uma trajetória**. p. 50.

político ou religioso. Nesse ponto, a representação textual ou visual dessas figuras permite pensar como a dimensão do poder e das simbologias eram inerentes à produção impressa na Inglaterra.

Uma vez que se entende que essa sociedade inglesa era dinâmica e permeada por disputas político-religiosas no século XVII, enquadra-se, por sua vez, como existiam ali uma pluralidade de representações, englobando ora afinidades ou inimizades políticas. Como esboçado por Vanessa Silva, a própria “palavra monstro é ambígua, pois recobre realidades diferentes”. Ou seja, “duzentos anos de literatura nos revelam as rupturas e permanências das ideias, das mentalidades e dos comportamentos em face dos monstros”<sup>19</sup>. Isso leva a questionar: qual o tipo de textos ou literatura impressa que o presente artigo está tratando? Ao passo em que se considera que os materiais oriundos da imprensa eram revestidos de uma pluralidade de características e formatos, resta delimitar qual é o universo de fontes em questão e como ele permite uma abordagem dos monstros.

A princípio, é importante destacar como o mercado impresso se devolveu na Inglaterra ao longo do século XVII, sendo isso já notabilizado por Christopher Hill<sup>20</sup> ao demonstrar um aumento expressivo de textos publicados no período de 1640 e a existência de coleções de impressos dessa época, *vide* o exemplo do livreiro George Thomason. Ainda que se pese a ausência de uma audiência homogênea na Inglaterra, como indica Joy Wiltenburg<sup>21</sup>, pode-se constatar uma avidez pelo consumo de textos oriundos da imprensa, sobretudo quando se leva em conta a ocorrência das Guerras Civis Inglesas a partir da década de 1640 e a necessidade de se circular informações sobre o ocorrido. Veronica Lima, nessa ótica, chegou

<sup>19</sup> DEL PRIORE, Mary. **Esquecidos por Deus:** Monstros no Mundo Europeu e Ibero-Americano (Séculos XVI-XVIII). São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 34 apud SILVA, Vanessa Simon da. O grotesco e o monstruoso entre culturas: do discurso científico aos folhetos de cordel brasileiros. 2016. 117 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais). Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2016. f. 24.

<sup>20</sup> Vide a sua obra: HILL, Christopher. Sociedade e literatura na Inglaterra do século XVII. **VARIA HISTÓRIA**, Belo Horizonte, nº 14, set/1995, p. 94-109.

<sup>21</sup> WILTENBURG, Joy. **Disorderly Women and Female Power in the Street Literature of Early Modern England and Germany**. Charlottesville: University Press of Virginia, 1992, p. 31.

a indicar como essa produção impressa também apresentava uma série de nuances, perpassando por estratégias estilísticas, tipográficas ou retóricas. Sendo assim,

tipógrafos, livreiros, encadernadores e vendedores ambulantes não eram apenas veículos para a difusão de perspectivas pensadas por outrem. Tanto quanto os escritores que colocavam suas palavras no papel por meio da pena, esses sujeitos eram autores das obras às quais davam corpo através de tintas, tipos, papéis e linhas de costura. As escolhas feitas nas casas de impressão, livrarias e oficinas de encadernação eram essenciais para a composição dos impressos. A qualidade dos papéis, os formatos, o *mise-en-page*, a pontuação, as ênfases, os tipos, a costura e a encadernação geravam significados para os consumidores dos materiais impressos.<sup>22</sup>

Nesse preâmbulo, destaca-se, portanto, a multiplicidade de textos e de processos de redação da palavra escrita. Face a essa profusão impressa, chama-se a atenção para os chamados textos de *caráter efêmero*, também retratados pelo nome de impressos “populares”. Ainda que se pese as particularidades dessa última terminologia, há que se pontuar que não se trata aqui de uma rígida divisão entre uma dita cultura “erudita e letrada” versus uma “cultura popular”. Ao contrário, compactua-se com o termo popular na medida em que entende se tratar de tipos de textos que, ainda que fossem produzidos por um público mais elitista, continham uma série de características em comum, dentre as quais destacavam-se a sua forma de produção e o seu potencial público leitor, no geral, mais amplo e difuso<sup>23</sup>.

<sup>22</sup> LIMA, Verônica Calsoni. **Da edição à sedição:** a composição e a dispersão de impressos radicais na Inglaterra, 1650-1680. p. 30.

<sup>23</sup> Luca Baratta expõe isso de forma ainda mais notória ao chamar a atenção para como existia uma assimetria nessa relação entre “popular” e “eruditão”, uma vez que a elite participou da construção da pequena tradição. Em similitude, essas duas tradições foram transmitidas de maneiras diferentes - ao passo em que uma se dava formalmente nas escolas secundárias e nas universidades enquanto a outra era transmitida informalmente, sendo aberta a todos, como na Igreja, nas tabernas ou nos mercados. Portanto, o uso do termo “impressos populares” não se referem exclusivamente a uma literatura destinada ao “povo”, mas sim textos com um caráter “aberto a todos” e, portanto, extremamente receptivos às solicitações de diferentes ambientes culturais. Ou seja, opera-se aqui com a ideia de uma osmose entre a pequena e a grande tradição, apontando para uma fluidez entre

Roger Chartier<sup>24</sup>, ao valer-se do termo “literatura de rua” também se dedicou a esse tipo de documentação, entendendo se tratar de textos com um preço mais barato, um acesso mais fácil, um público mais amplo e um linguajar mais simples. Geralmente vendidos em portas de igrejas, lojas ou praças públicas por seus vendedores ambulantes, estes textos não eram necessariamente destinados a uma proteção ou coleção em biblioteca, mas sim descartáveis. Daí decorreria o uso da expressão “textos de literatura efêmera”. Em igual medida, é válido pontuar como o uso do termo “literatura” não é feito em uma correspondência ao seu sentido no século XIX. Embora ele não fosse utilizado no século XVII com a atual conotação, pensa-se o termo aqui à luz dos cuidados apontados pela historiadora Silvia Liebel. Ou seja, a “produção correspondente à escrita literária, designada inicialmente dentro do campo das letras, *lettres humaines* ou *belles-lettres*, compreendia não só a literatura, mas também a história, a filosofia, a geografia, a medicina e a matemática”<sup>25</sup>.

André de Melo Araújo<sup>26</sup>, a título de exemplo, argumentou como esse tipo de texto efêmero - que ia desde almaniques, anúncios reais, calendários e panfletos até folhas volantes ou baladas - eram comercializados, distribuídos e consumidos de forma solta ou com pontos provisórios de costura, de tal modo a não serem retidos com a intencionalidade de serem preservados no tempo. Além das especificidades da construção desses materiais (desde o uso da tinta até a escolha do papel), jaziam uma série de escolhas tipográficas que diziam respeito à presença de gravuras ou à escolha da fonte da letra, assim como o uso de prefácios, adornos visuais ou o tamanho do texto mediante a distribuição de suas ideias.

---

o discurso público, o qual se dava em uma ponte entre a cultura oral e a escrita. Ver: BARATTA, Luca. **A Marvelous and Strange Event**, p. 22.

<sup>24</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: Entre práticas e representações. 2<sup>a</sup>ed. Rio de Janeiro: Memória e sociedade, 2002, p. 45.

<sup>25</sup> LIEBEL, Sílvia. **O mundo às avessas na Europa dos séculos XVI e XVII**. p. 40.

<sup>26</sup> ARAÚJO, André de Melo. O artefato impresso na Época Moderna: forma e materialidade dos produtos da imprensa manual preservados no acervo de obras raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**. São Paulo, vol. 29, 2021, p. 1-51. Esp. p. 31.

Ao fazer uso de tal documentação, utilizou-se como base para a elaboração desse artigo a coleção de impressos dispostas na EEBO, *Early English Books Online*. Com acesso online e disponibilizado pela *Wellcome Library*, esse banco de dados de textos produzidos de 1473 a 1700 permite uma vasta extensão da produção impressa realizada na Inglaterra. Ao possibilitar a visualização dos documentos em sua íntegra, a plataforma também oferece a possibilidade de identificação de seus autores, impressores, local e ano de publicação, contendo ainda, por vezes, a transcrição de parte desses textos. Por meio da EEBO facilita-se, portanto, o acesso a tipos específicos de textos, os quais enriquecem a apreensão sobre o comércio de impressos inglês, sobretudo aquele referente ao século XVII.

O que é notório dentro desse tipo de documentação é a percepção que ela possibilita traçar acerca da existência de um rico e dinâmico mercado editorial na Inglaterra, o qual sofria com a interferência de diferentes sujeitos e englobava uma série de predileções. Considerando a existência das casas de impressão londrinhas e que boa parte do montante de fontes analisadas provinha dessa capital, pode-se sustentar como Londres era um polo comercial de produção e venda de textos oriundos da prensa. Além de uma lógica comercial e uma demanda por textos, conforme ilustra Alexandra Halasz<sup>27</sup>, tais textos eram mecanismos de circulação de conhecimento e representações sociais no país, de modo a “revelar a vontade de Deus ou o funcionamento interno da Natureza”<sup>28</sup> por meio de suas narrativas. Desse modo, os textos “não podem ser entendidos fora dos seus contextos de circulação, ambientes, usos e práticas de leitura”<sup>29</sup>, o que leva a cogitar como a monstruosidade valeu-se de um frutífero espaço tipográfico.

<sup>27</sup> HALASZ, Alexandra. **The marketplace of print:** Pamphlets and the public sphere in early modern England. Nova York: Cambridge University Press, 1977, p. 25.

<sup>28</sup> DIRKS-SCHUSTER, Whitney. **Monsters, News, and Knowledge Transfer in Early Modern England.** 2013. 341 f. Tese (Doutorado em Filosofia na Graduate School). The Ohio State University, Columbus, 2013, f. 3.

<sup>29</sup> MEGIANI, Ana Paula. Escritos breves para circular, relações, notícias e avisos durante a Alta Idade Moderna (Sécs. XV-XVII). **VARIA HISTÓRIA**, Belo Horizonte, vol. 35, nº 68, 2019, mai./ago, p. 535-563. Esp. p. 532.

fico para permear enredos sobre monstros em baladas, panfletos e folhas avulsas na sociedade inglesa no século XVII.

Não obstante, ao ater-se ao “aumento da experiência literária a partir de 1640”<sup>30</sup>, considera-se, em compasso a Guillermo Sunkel<sup>31</sup>, como os impressos eram elementos vinculados às questões mercadológicas e às sensibilidades do público, bem como aos atritos políticos da cena pública, aos mecanismos de censura e regulação da palavra escrita e aos processos de controle estatal que eram encorajados naquele período. Desse modo, pode-se pensar como esses textos eram influenciados por um repertório fornecido pela imaginação e pela herança cultural e religiosa. Silvia Liebel em sua obra *Les Médées Modernes*, ainda que analisando o cenário francês, demonstrou como os documentos oriundos da imprensa eram capazes de explorar uma “pedagogia do medo”, contribuindo para o reforço de valores morais e modelos de comportamento. A monstruosidade, nesse prospecto, poderia acirrar ainda mais essa lógica de controle comunitário, uma vez que os monstros eram apreendidos como punições de Deus face ao comportamento insolente dos homens. Sendo assim, ao veicular tais relatos, reforçava-se, por oposição, uma conduta mais amena e piedosa dos ingleses.

Nesse mesmo prisma, ao valer-se dos apontamentos feitos por Jean Delumeau em sua obra *História do medo no Ocidente*, salienta-se como as sociedades modernas estiveram em um diálogo permanente com o medo<sup>32</sup>. Ao apontar para uma cultura dirigente do medo, pode-se pensar como os afetos eram mobilizados pelos impressos e incidiam nas formas pelas quais o monstruoso poderia ser compreendido. Não obstante, a crença no fim do mundo e o temor da morte se tornavam cada vez mais perceptíveis

<sup>30</sup> RAYMOND, Joad. What is a pamphlet?. In: RAYMOND, Joad. **Pamphlets and pamphleteering in early modern Britain**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 4-26. Esp. p. 5.

<sup>31</sup> SUNKEL, Guillermo. Las matrices culturales y la representación de lo popular en los diarios populares de masas aspectos históricos y fundamentos teóricos. In: \_\_\_\_\_. **Razón y pasión en la prensa popular**. Santiago: ILET, 2016, p. 33-62. Esp. p. 36.

<sup>32</sup> DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**, 1300-1800 - Uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 566.

nesse período, sendo o próprio monstro retido como o resultado de um Deus vingativo que punia os desvios humanos com castigos coletivos.

De certo, não se espera aqui que esses impressos revelem a real mentalidade de fato de seus leitores, mas que elucidem questões relativas a uma dada condição histórica, revelando as múltiplas faces - inconscientes ou consciente - dos imaginários, das crenças, dos ideários e dos jogos políticos que eram experimentados na Inglaterra. Nessa perspectiva, narrativas sobre monstros inquietam um olhar para o que esses monstros significavam e o que eles diziam. Ou ainda, em uma outra dimensão, como esses impressos englobavam um rico processo de construção e disseminavam pela Inglaterra um conjunto de ideias relativas aos seres disformes e anômalos.

É o que leva a pensar, portanto, no relato impresso de 1643, cujo título poderia ser traduzido para o português como *Uma visão estranha e terrível prevista neste reino e na cidade de Londres: junto com o antídoto do país para sua prevenção*<sup>33</sup>. Publicado em Londres, próximo aos atritos da Guerra Civil inglesa, o texto continha autoria anônima e teria sido impresso para Ed. Blackmore e Tho. Banks, de modo a ser vendido no Cemitério da Igreja de St. Pauls, na Inglaterra. Com apenas oito páginas, o interessante a ser exaltado nessa narrativa refere-se ao tema que adornava o impresso, uma vez que ele se destinava a relatar como o exército do rei estava cada vez mais inflamado, sendo Londres tomada por um grande agito político.

Ainda que seja difícil inferir a quantidade de cópias desse texto e os seus respectivos usos, pode-se supor uma ampla recepção desse impresso em razão do seu formato efêmero. Sabe-se, contudo, que os seus impressores, Ed. Blackmore e Tho. Banks, eram sujeitos ativos no mercado livreiro londrino, conforme aponta o dicionário de Henry Plomer<sup>34</sup>. Blackmore,

<sup>33</sup> No original: “A strange and terrible sight forseen in this kingdom, and city of London: together with the countrimans antidote for its prevention”. ANÔNIMO. **A strange and terrible sight forseen in this kingdom, and city of London:** together with the countrimans antidote for its prevention. Londres: (s.n.) para Ed. Blackmore e Tho. Banks, 1643, p. 1.

<sup>34</sup> PLOMER, Henry Robert; et. al. **A dictionary of the printers and booksellers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1668 to 1725**. Oxford: Oxford University Press,

a exemplo, é descrito como um indivíduo voltado para publicações de cunho popular, a mencionar a impressão da obra Melton's Astrologaster, em 1620. Apesar das obscuridades relativas à circulação desses impressos, notabiliza-se ainda como a localidade de venda dessa fonte permite traçar, em certa medida, como se transcorria o fluxo de impressos pela capital londrina. Uma vez que se considera que outros textos também foram vendidos no cemitério da Igreja de St. Pauls, vide a atuação de John Crooke<sup>35</sup>, pensa-se como esse espaço poderia ser atrativo, fosse pelo trânsito de pessoas ou pela possibilidade de comercialização de impressos.

Todavia, o que é digno de notoriedade na análise desse documento de 1643 refere-se ao seu nítido tom antimonárquico, de modo que esse impresso permite vislumbrar em que medida a Inglaterra estava assolada por um cenário de adversidades políticas no contexto pré-revolucionário. Ainda que se pese os esforços de se traçar na narrativa a ocorrência de sinais estranhos que teriam sido vistos em Londres, verifica-se a construção de uma representação acerca dos grupos que lutavam na época do confronto, enfatizando uma postura favorável em relação aos parlamentares quando comparado com aqueles apoiadores da causa real. Nesse caso, pode-se pensar como os impressos funcionavam como mecanismos capazes de mobilizar afetos ou agendas políticas, simpatizando-se ora com um lado, ora com o outro. Esse tom qualitativo fica ainda mais nítido quando o autor do impresso lamenta a Guerra e aloca os inimigos políticos (aqueles ao lado do rei Carlos I) como bárbaros e agressivos, os quais destruíam honestos maridos. É o que se percebe no trecho traduzido para o português:

Ah, que visões tristes Londres veria (...) vocês, maridos,  
deveriam ver suas esposas arrebatadas diante de seus rostos (...)  
Ah Esposas! não seria uma visão triste para você ver seu túmulo e

---

1922, p. 55.

<sup>35</sup> Henry Plomer chegou a afirmar como esse livreiro era um impressor do rei, lançando várias peças ao longo de sua trajetória. No original: "CROOKE (JOHN), bookseller in London, and King's Printer in Dublin, 1638-69, (1) *Creypebound in St. Paul's Churchyard*, 1638-39; (2) *Ship in St Paul's Churchyard*, 1640-66; (3) *Duck Lane*, 1667-69; (4) *Dublin, King's Printing Office*, 1660-69. Brother of Andrew Crooke. He was associated with R. Sergier, J. Baker, and G. Bedell, and during this time issued several plays", Ibidem, p. 87.

ver os maridos honestos insultados por companheiros - sendo chutados, espancados e arrastados para cima e para baixo nas ruas. (...) Ah crianças! que tormento será para você, ver seus pais amorosos serem tratados de maneira tão bárbara.<sup>36</sup>

A partir da rápida leitura desse impresso pode-se pensar como as narrativas textuais impressas eram capazes de abordarem temáticas relativas aos entraves político-religiosos vivenciados pela Inglaterra no século XVII, como pontuado no início deste artigo. Contudo, o mais fascinante a ser vislumbrado adiante refere-se a como esses impressos entrecruzavam tal contexto convulsionado da sociedade inglesa com a menção a aparições ou nascimentos de monstros. É o que se percebe por meio do texto publicado um ano antes, em 1642, cujo título em uma tradução aproximar-se-ia de: *Relato de um monstro terrível capturado por um pescador próximo a Wollage em 15 de julho de 1642, e que agora pode ser visto em Kings Street, Westminster*<sup>37</sup>.

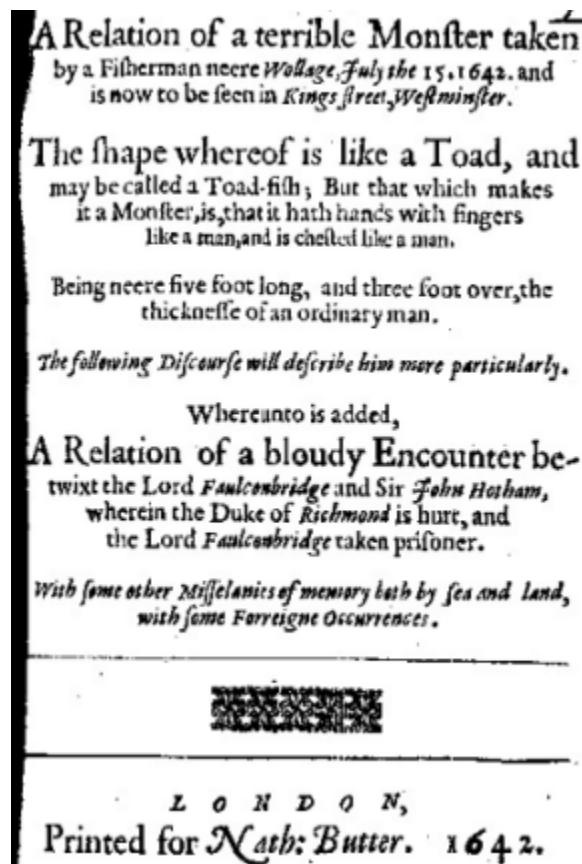
Com apenas seis páginas e sem gravuras em sua folha de rosto, o impresso, também de autoria anônima, anunciava o relato de um monstro encontrado por um pescador em uma vila inglesa, de modo que a estranha e terrível criatura teria sido disposta em Westminster para a sua seguinte visualização e confirmação pela comunidade local. Além da presença de testemunhas, a própria menção a esse ato de os habitantes “verem” o monstro posteriormente confirma o aspecto visual que delineava a monstruosidade. Como algo para ser visto e que choca o olhar, a disposição da criatura em Westminster para deleite público endossa a assertiva de que os monstros comportavam uma dimensão imagética e visual em sua

<sup>36</sup> ANÔNIMO. *A strange and terrible sight forseen in this kingdome, and city of London: together with the countrymans antidote for its prevention.* Londres: (s.n.) para Ed. Blackmore e Tho. Banks, 1643, p. 3. No original: “Ah! what sad sights would London see, in seeing them within her wals; you Husbands should see your Wives ravished before your faces (...) Ab Wives! would it not be a sad sight for you to see your grave, and honest Husbands insulted over by base unworthy fellowes, to see them kicke them, and beat them, and drague them up and downe the streets (...) Ab Children! what torment will it be to you, to see your loving Parents thus barbarously handled”.

<sup>37</sup> No original: “*A relation of a terrible monster taken by a fisherman neere Wollage, July the 15. 1642. and is now to be seen in Kings Street, Westminster*”. Ibidem, p. 1.

representação. Não por acaso, o texto impresso reforçava em suas linhas a presença de testemunhas locais as quais comprovaram ter visualizado o ser vivo. Isso também funcionava como um mecanismo de atribuição de legitimidade à narrativa reportada, demonstrando ainda uma concretude desse monstro - uma vez que, além de ele ser credível pela população na região, ele também apresentava uma existência factual, com local e data de sua aparição.

Figura 01: Folha de rosto do impresso de 1642



Fonte: A RELATION OF A TERRIBLE MONSTER taken by a fisherman neere Wollage, July the 15. 1642. and is now to be seen in Kings Street, Westminster. Londres: (s.n.), 1642, p. 1.

Além da necessidade na narrativa de se comprovar o ocorrido, salienta-se como esse impresso continha um outro texto anexado juntamente a ele. Trata-se da relação de um incidente envolvendo o Lorde Faulconbridge e o senhor John Hotham que teria ocorrido naquele ano. Tal reporte, por sua vez, permite considerar como os materiais impressos se prestavam a funções de informar a população sobre as notícias do reino, ainda que sua temática ou foco inicial fosse a descrição de um monstro. Ou seja, ainda que se mencione a apreensão de um ser monstruoso, a narrativa também condensava aspectos relativos às vivências inglesas daquele momento, repercutindo informações para os leitores acerca da cena pública e das desavenças ali transcorridas.

Outro ponto pertinente a ser mencionado nesse texto é a qualificação a qual o monstro recebe. Diferente de outros impressos, os quais alocavam tais seres como “estranhos” ou “maravilhosos”, o monstro é apresentado na folha de rosto desse documento como um ser “horrível”, o que leva a pensar na própria representação construída sobre essa criatura e o que ela significava face a esse período inglês. É válido ainda pontuar como esse monstro, datável e localizável no tempo e espaço, apresentava uma forma específica, sendo retratado como um “peixe-sapo”. Em suas páginas, o autor do impresso chegou a dedicar algumas partes da trama para abordar o corpo desse monstro e o seu tamanho, informando detalhes acerca de sua altura e de seus membros físicos.

Contudo, o fascinante parece ser o caráter de anormalidade atribuído a esse ser. Justamente por sua forma anômala e disforme, tangenciada por assimetrias e aspectos feios, é que o “peixe-sapo” poderia ser enquadrado como monstruoso. Ou seja, há um repertório cultural capaz de atribuir desvios de forma ou da natureza ao título de “monstro”. Esse processo de “monstrificação”, portanto, ainda que inconsciente, remete ao fundo intelectual teratológico capaz de hierarquizar e organizar os corpos em modelos, fosse de aspecto físico ou relativo a um padrão de comportamento ou modelo de ação. Por outro lado, é interessante pontuar que esse monstro não era considerado pelo autor do impresso como um

fenômeno isolado, uma vez que ele próprio disserta acerca de outros nascimentos e aparições monstruosas na Inglaterra, evidenciando, assim, como elas estavam se tornando cada vez mais recorrentes no país. Ou seja, ao validar a sua história por meio de exemplos, o impresso também deixava claro como esses relatos não eram algo exclusivo e único daquela região e momento cronológico, de modo que tais seres monstruosos apareciam como prenúncios de grandes atividades desastrosas para os Reinos e eram cada vez mais frequentes.

Isso fica ainda mais claro quando o autor do impresso se dedica, em suas últimas páginas, a abordar situações semelhantes àquela vivenciada pelo pescador em 1642. Ao final do texto o leitor também é defrontado com dois exemplos de ocorrências estranhas no dia 16 de julho de 1642, sendo uma em Londres, na Inglaterra, e a outra em um país estrangeiro. É pertinente mencionar que tais notas, no entanto, voltavam-se para o relato de situações de guerra e mencionavam a ação do rei e dos seus soldados em relação aos indivíduos da região. A exemplo, na última página da trama, o autor indica como os “suecos teriam retirado 8.000 libras em pólvora, uma abundância de casacos e outras provisões”<sup>38</sup>, apontando ainda para a perda de muitos homens. Essa breve passagem permite pensar, portanto, como os impressos eram veículos de informação acerca dos confrontos armados entre os apoiadores do monarca e aqueles contrários à causa real.

Em consonância, tal exemplo de texto permite endossar, mais uma vez, a ideia de que as narrativas de monstros continham um significado mais profundo que apenas narrar uma figura disforme ou feia, de modo a se entrecruzar com o cenário político-militar que a Inglaterra vivenciava. Por meio desse breve trecho relatado na última página da narrativa, fica evidente como tais materiais oriundos da imprensa se prestavam a uma função de informe para o público leitor acerca do caminhar do confronto e das partes envolvidas, de tal forma a noticiar o que se passava na região. Em igual medida, ele também permite, por meio de sua escrita, a apreensão

<sup>38</sup> Ibidem, p. 7. No original: “The Swedes have lately taken from Piccolomini 8000. pounds worth of Gunpowder, abundance of souldiers coats, and other provision; in which he hath lost many men”.

das instabilidades e dos conflitos políticos que eram colocados em cena naquele período.

Já no que diz respeito ao monstro em específico, ao adentrar-se na trama, verifica-se como o autor mencionava o surgimento de um ser monstruoso realizado na sexta-feira de manhã, no dia 15 de julho, entre 4 e 5 horas da manhã. Segundo o texto, um certo Thomas West, ao lançar a sua rede na chegada da maré, descobriu que ela tinha alterações e, ao puxá-la com dificuldade, teria visto um “demônio e não um peixe, ou ao menos um monstro”<sup>39</sup>. Em virtude dessa aparição, o senhor pescador teria ficado impressionado com a forma odiada do monstro, não se livrando de imediato da criatura. O curioso, contudo, é como o monstro é representado para além de sua descrição física. Na trama, a chegada desse ser é tida como algo sinistro, de modo que todas as histórias ou todos os nascimentos incomuns - fossem no mar ou na terra - eram associadas à ocorrência de tristes tumultos ou grandes comoções em Estados e Reinos, sendo, portanto, presságios ou sinais da desolação total. Isso fica nítido no trecho:

e adivinhou claramente que sua chegada foi ameaçadora, como de fato todas as Histórias mantêm e escrevem com consentimento constante, que todos os nascimentos incomuns, seja em homens ou em criaturas brutais, no mar ou na terra, especialmente fora de suas estações, sempre foram os precursores e tristes arautos de grandes comoções e tumultos em Estados e Reinos, se não tristes arautos da desolação total<sup>40</sup>

Essa descrição faz pensar, portanto, na significância do monstruoso perante a comunidade inglesa do século XVII. Para eles os monstros “eram

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 3. No original: “he sees in the net a Fiend, not a Fish; at the least a Monster, not an ordinary creature. Had not his companion had a better resolution, he would rather have been rid of his net, then troubled with his guest, so deeply was he struck with the odious shape of it”.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 3. No texto em inglês: “and plainly divined that its arrivall was ominous, as indeed all Histories doe with constant consent maintain & write, that all unusuall births either in men or bruit creatures, in sea or upon land, especially out of their seasons, have ever been the fore-runners and sad harbingers of great commotions and tumults in States and Kingdomes, if not mournfull Heraulds of utter desolation”.

evidências da maravilha do nosso mundo, sinais da vastidão e variedade da criação de Deus e presságios de sua ira”<sup>41</sup>. Isso fica ainda mais nítido quando se considera que esse ser monstruoso surge no dia 15 de julho, ao passo em que as notícias negativas da Guerra, são apresentadas como corridas no dia 16 de julho, ao final do impresso. Ou seja, o monstro é um presságio para maus agouros, como a perda de muitos homens no conflito. Isso leva a crer não somente no papel dos impressos de reportar informações acerca dos confrontos armados, mas também em evidenciar como as interpretações dos monstros estavam em acordo com a visão cosmológica desses indivíduos. Isto é, o monstro era um anúncio ou castigo divino, que advertia algo de ruim para os humanos.

Nessa perspectiva, o entendimento dos ingleses sobre o monstruoso na Primeira Modernidade encontrava correspondência no modo pelo qual eles entendiam o seu mundo, sendo a religião e a crença em uma ação divina elementos inerentes à forma de se compreender a relação entre os seres vivos na época. Desse modo, os tumultos políticos ou os cataclismos na ordem poderiam ser acompanhados da eclosão de aparições ou nascimentos de monstros, como o exemplificado pelo impresso. Não é de se espantar, portanto, como o cenário de batalhas e episódios de mortes dava vazão à proliferação de monstros ou a crença em um Deus punitivo que enviava seres monstruosos à terra. De certo, em um mundo de “ponta-cabeça”, efervescente em guerras e com subversões da ordem, a ideia de fim de mundo iminente e de uma propensão ao surgimento de monstros ficava cada vez mais ostensiva.

A exemplo, Alan Bates em sua obra *Emblematic Monsters*, externalizou como os monstros eram apreendidos enquanto sinais ou emblemas os quais advertiam ou sinalizavam aos indivíduos determinados aspectos da realidade política, religiosa e social da Primeira Modernidade. Nesse prisma, as deformidades físicas de certos nascimentos ou aparições não eram associadas aos monstros apenas por conta de uma ausência de

<sup>41</sup> BRENNER, Alletta. The Good and Bad of that Sexe: Monstrosity and Womanhood in Early Modern England. **Intersections**. Budapest, vol. 10, nº 2, 2009, p. 161-175. Esp. p. 162.

conhecimento médico ou por “ignorância” da época, mas sim porque tais pessoas viam essas anomalias como parte do propósito divino e da obra de Deus sobre a terra. Ao entender que os monstros se assentavam em uma base histórica, argumenta-se aqui como essa representação dos monstros incorporava aspectos teológicos e médicos, os quais aludiam a “mão invisível de Deus” na terra e entrecruzavam-se ao cenário político e religioso inglês.

Em igual medida, ao interpretar os monstros como sinais ou emblemas, sugestiona-se como esses seres, para que fossem comprehensíveis, recobriam-se de um tipo de gramática capaz de dar a eles um significado comum. Ou seja, a representação dos monstros remetia a um fundo intelectual teratológico próprio, no qual as ideias acerca do monstruoso circulavam desde as obras tratadísticas até os impressos de caráter efêmero. Essa relação fica ainda mais nítida quando se depara novamente com o impresso de 1642 retido para análise nesse artigo. Nele, verifica-se uma menção ao naturalista Plínio, de tal modo que as ideias desse autor sobre o monstro são associadas à apreensão daquela criatura que estava sendo narrada pelo documento. Ao longo do enredo, pode-se visualizar como o autor do texto mobilizava as assertivas de Plínio para explicar a posição do peixe encontrado em relação à costa<sup>42</sup>, dando não só uma legitimidade à história, mas demonstrando, por outro lado, a conexão entre a produção tratadística sobre monstros e o seu reporte em um outro formato de texto.

Tratando-se de seres com significados plurais, os monstros, no geral, poderiam ser enquadrados pela sua forma física disforme ou anômala, incorporando medos e receios humanos. Eram objetos de curiosidade, podendo ser passíveis de fascínio ou terror. Contudo, independentemente de sua qualificação positiva ou negativa, os monstros continham em seu cerne esse elemento visual, o qual revelava ou mostrava algo. Essa própria noção do olhar ao qual o monstruoso se dirigia, indica a sua

---

<sup>42</sup> No original: “For Plinie, the Naturalist, although he confesseth that there is no creature or vermine upon the earth, but hath it's like in the seas, and that there is a Toad-fish, yet this Author averreth, that that fish never commeth neare the shore, but is constantly in the depth of the Ocean”. ANÔNIMO. **A strange and terrible sight forseen in this kingdome, and city of London.** p. 3.

propensão para “ser visto”. A própria etimologia da palavra “monstro”, do latim “*monstrare*”, de “mostrar”, reitera esse ponto. Ou seja, o monstro existe enquanto um ser com características passíveis de serem vistas e identificadas, de tal modo que esses seres ainda alertavam os humanos sobre algo, prenunciando algum evento ou catástrofe. Ou, quando muito, advertindo os indivíduos acerca de alguma infração e violação da lei natural ou humana, conforme indica Daniel Yago em *A Caravana dos Prodigios*. Ao tomar essa perspectiva, pode-se pensar como essas narrativas impressas de monstros foram uma resposta aos eventos desordenados, mas que se destinavam a promover a ordem, em uma nítida preocupação com a preservação dos arranjos políticos, sociais, culturais e religiosos do mundo inglês.

Portanto, é plausível pensar como, em um momento de crise e adversidades políticas, os monstros se tornavam ainda mais patentes, ilustrando as próprias perturbações ou violações que acometiam a Inglaterra. Uma vez que se entende que a teratologia englobava em seu cerne a questão do mando, delimita-se como essas tensões e disputas na arena pública inglesa poderiam ser corporizadas ou personificadas na figura do monstro. Ainda que se considere a real crença nesses seres, não se pode ignorar a relação dessas criaturas com os anseios da época, de modo que eles eram formas de exteriorizar as ansiedades que se aglutinavam no escopo social inglês. Como postulado por Alletta Brenner<sup>43</sup>, existia uma percepção modernista de mundo de que o universo estava em ordem e dispunha-se como um sistema definido de relações infalíveis e inerentes. Desse modo, aquilo que desafiava essas categorias normativas ou a respectiva ordem poderia ser visto como monstruoso e ameaçador.

Tais afirmações podem ser ainda mais endossadas quando se parte novamente para a narrativa textual de 1642, esboçada anteriormente. O monstro é retratado na trama como um mensageiro da justiça, sendo, portanto, um sintoma das vacilações e dos problemas do reino. Ao indicar que “esses acidentes não naturais, embora estúpidos, falam das intenções

<sup>43</sup> BRENNER, Alletta. The Good and Bad of that Sexe. p. 174.

e propósitos sobrenaturais dos poderes Divinos”<sup>44</sup>, notabiliza-se como o monstro era interpretado como uma criação de Deus para punir ou advertir os homens, preconizando, por sua vez, um dado conjunto de valores morais que deveriam ser seguidos. Assim sendo, se os choques entre o rei e o parlamento eram mal vistos pela autoridade divina segundo o autor do impresso, dever-se-ia, ao contrário, procurar um caminho da paz e da piedade.

Uma vez que o texto impresso alocava o monstro como fruto do pecado humano, a narrativa enfatizava como essa criatura estranha era resultado de uma ação misericordiosa de Deus em prol de alertar os indivíduos acerca de sua ira. Não por acaso, o autor do documento menciona como a feitura do monstro ia de acordo com nível do presságio sobre o qual ele alertava. Isso fica indicado pela passagem:

Deus, em sua misericórdia, conceda que este monstro feio não possa, por nossos pecados, provar o mesmo para nós, vendo os diversos pecados que são divinamente compreendidos na natureza por sapos e têm o seu impacto em nossa nação. É ainda observado por aqueles que professam habilidade em Prognóstico, que o quanto o monstro é de característica ou estilo, odioso e odiado, tanto que pressagia um perigo ainda mais terrível e universal.<sup>45</sup>

Percebe-se, portanto, um esforço de moralização por meio do relato de impressos sobre aparição ou o nascimento de monstros, de modo a incutir um determinado padrão de comportamento esperado dos indivíduos. Ao passo em que a religião, a humanidade e as leis naturais

<sup>44</sup> ANÔNIMO. *A relation of a terrible monster taken by a fisherman neere Wollage, July the 15.* 1642. and is now to be seen in Kings Street, Westminster. Londres: (s.n.) para Nath. Butter, 1642, p. 4. Traduzido do inglês para o português com base no original: “These unnaturall accidentts though dumbe, do notwithstanding speake the supernaturall intentions and purposes of the Divine powers”.

<sup>45</sup> *Ibidem*, p. 4. Traduzido do original: “God in his mercie grant that this ugly monster may not for our sins prove the like to us, seeing the divers sins whiche are by divers Divines comprised in the nature of a toade, raigne, and have their swinge in our Nation. It is further observed by those that professe skill in Prognostication, that of how much the monster is of feature or fashion, hatefull and odious, so much it portends danger the more dreadfull and universall”.

eram uma estrutura e um sistema de apoio mútuo, os comportamentos transgressivos ou pecaminosos portavam-se, simultaneamente, como uma ação contra a natureza e contra Deus. Nesse caso, a aparição do monstro, ao chamar a atenção para uma conduta equivocada, permitia o reforço de um conjunto positivo de valores e ações. Consequentemente, a narrativa também continha um tom educativo, de alertar os indivíduos e preconizar sobre um arquétipo específico a ser seguido.

Como sustentação para tais afirmações, ancora-se aqui nos trabalhos de Julio Jeha acerca da monstruosidade. O autor, a título de exemplo em sua obra de 2007, esboçou como os monstros poderiam representar um papel político de mantenedor das regras sociais, funcionando como um estratagema para se rotular tudo aquilo que infringisse esses limites culturais. Obviamente, parte desse processo pode ter sido inconsciente, mas a existência de um monstro atesta para a violação de ordens, sendo as próprias anomalias do corpo físico monstruoso, elementos que atestam para essa crença na desorganização da sociedade. A própria convicção na monstruosidade permite pensar como esses seres davam vazão às angústias cristalizadas no escopo comunitário inglês, despertando ansiedades em relação à manutenção da ordem e aos valores cristãos inerentes aos processos de sociabilização e comunhão.

Ao endossar a assertiva de que os monstros representavam metaforicamente as ordens e desordens no sistema hierárquico do âmbito social, familiar ou político, pode-se pensar como esses seres eram utilizados politicamente. Ou seja, ancorando-se na argumentação de David Hirsch, tensiona-se como tais monstros poderiam aludir para o descontrole do cenário político ou dos processos revolucionários da Inglaterra - “desafiando a ordem política, a tirana, o poder, as redes de autoridade e as instituições”<sup>46</sup>. Isso fica ainda mais palpável quando se leva em conta a

---

<sup>46</sup> HIRSCH, David. *Liberty, Equality, Monstrosity: Revolutionizing the Family in Mary Shelley's Frankenstein*. In: COHEN, Jeffrey (ed.). **Monster Theory: Reading Culture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996, p. 115-140. Esp. p. 116.

experiência governamental inglesa e os atritos entre os monarcas Stuart e os puritanos ou defensores da causa parlamentar.

Partir dessa lógica, é assumir que tais relatos impressos sobre os monstros detinham expressivas representações textuais e imagéticas as quais permitem uma dada leitura da sociedade inglesa do século XVII. Por meio delas, pode-se pensar como a interpretação de uma Inglaterra de “ponta-cabeça”, imersa em cataclismos, faz ainda mais sentido, sobretudo quando se considera que o monstro era a prova viva dessa subversão social, política e religiosa. Não por acaso, “dado o tropo comum do ‘corpo político’ e a hierarquia normal de chefes e membros (...) que os escritores de panfletos apresentassem estas violações carnais como sinais de um mundo virado de cabeça para baixo”<sup>47</sup>.

A própria lógica foucaultiana auxilia, em parte, a pensar como os mecanismos de poder eram dispostos em torno dos “anormais”, justamente como forma de controlar as irregularidades e anormalidades de um corpo social<sup>48</sup>. Desse modo, o monstro, como um locus de “desvio” e que trata do proibido, demarcava as fronteiras e os limites do que se poderia ou não fazer. Ou ainda, das normas políticas, religiosas e jurídicas que eram colocadas em disputa. Assim, ao perturbar “a ordem e as normas”, ele trazia “à luz a fragilidade dos alicerces que sustentam as separações binárias: nós/eles, civilização/bestialidade, humanidade/monstruosidade”<sup>49</sup>.

Ao final do impresso, é possível verificar novamente como esse monstro apresentava uma correspondência entre a sua anomalia física com o caos social e a ausência de coesão política na Inglaterra da década de 1640. Uma vez que o autor se dedica a pedir o perdão divino

<sup>47</sup> CRESSY, David. *Monstrous Births and Credible Reports: Portents, Texts, and Testimonies*. In: \_\_\_\_\_. **Travesties and transgressions in Tudor and Stuart England: tales of discord and dissension**. Oxford: Oxford Scholarship Online, 2011, p. 29-50. Esp. p. 41.

<sup>48</sup> Para ver mais: FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8<sup>a</sup>ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 80.

<sup>49</sup> BERTIN, Juliana. O monstro invisível: o abalo das fronteiras entre monstruosidade e humanidade. **Outra travessia**. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, vol. 22, 2016, p. 37-54. Esp. p. 53.

em suas últimas páginas, verifica-se uma súplica para que Deus “voltasse as costas aos nossos pecados e que fosse favorável às nossas misérias”<sup>50</sup>. Logo em seguida, o autor também pede para que o Senhor fosse capaz de unir “Chefe e Membros, Rei e Parlamento, aumentando seus afetos leais a ele”<sup>51</sup>. Ou seja, há claramente um tom político nessa passagem e uma nítida referência à instabilidade que adornava a cena pública inglesa face aos entraves entre Carlos I e os parlamentares.

A partir desse enfoque, pode-se considerar, novamente, como jazia na Inglaterra da Primeira Modernidade um esquema representacional coletivo próprio ao trato dos monstros, sendo esse um “instrumento regulador (...) intimamente associada à noção de identidade”<sup>52</sup>. Ao refletir os valores culturais de um dado momento, o monstro chamava a atenção para a transgressão das ordens morais, sociais, políticas e ontológicas. De certo, esses seres também “desempenharam um importante papel no cenário da imaginação popular”<sup>53</sup>, uma vez que esses impressos sobre monstros veiculavam mensagens e informações à população inglesa, de modo a incitar certas condutas e evidenciar posturas subversivas.

Consequentemente, reitera-se como ponto central desse artigo o papel excepcional dos textos de caráter efêmero que foram produzidos e publicados no século XVII inglês. A partir deles, foi permitido uma ampla difusão de representações sobre as figuras monstruosas, possibilitando a circulação de concepções acerca dos monstros e das mensagens moralizadoras vinculadas a eles. Em compasso, tais materiais também reproduziram as experiências e ideias que eram cotejadas na arena pública

<sup>50</sup> ANÔNIMO. **A relation of a terrible monster taken by a fisherman neere Wollage, July the 15. 1642.** p. 5. No original: “LORD, we beseech thee turne thy back upon our sinnes, and thy favourable aspect upon our miseries, very likely with more haste then good speede to light upon us”.

<sup>51</sup> É válido frisar que, no original, as palavras “parlamento” e “rei” são destacadas com letras maiúsculas, o que leva a pressupor, talvez, a centralidade desses vocábulos na construção do texto. No original: “Unite (good God) Head and Members, King and Parliament, encrease their loyall affections to him, his royll approbation to them and their proceedings”. *Ibidem*, p. 5.

<sup>52</sup> BERTIN, Juliana. O monstro invisível. p. 52.

<sup>53</sup> BRENNER, Alletta. The Good and Bad of that Sexe. p. 164. Tradução livre do original: “In this period, monsters played a large part on the stage of popular imagination”.

inglesa. Desde baladas e panfletos até folhas volantes, desfrutava-se de um universo escrito que vociferava por meio de palavras e gravuras, anseios e críticas daquela época.

Ainda que se ressalte que a impressão desses textos não se pautava em tratar o monstro apenas como um objeto moral ou um ser de uso exclusivo para processos moralizadores, cabe salientar como esses documentos impressos contribuíram para o reforço de um modelo de comportamento ou uma visão de mundo. Ou seja, mesmo que o ser anômalo não fosse exclusivamente um mecanismo pragmático para servir a instrumentos de controle e ordenamento social, tais narrativas eram produtos “sensíveis a moral do seu tempo”<sup>54</sup>, como indica Liebel. Desse modo, eles mobilizavam uma opinião pública e posturas a serem exaltadas - fosse positivamente ou negativamente.

O que se procurou demonstrar aqui, portanto, é como os textos sobre monstros eram bem mais profundos e entrecruzavam a uma lógica própria de produção, ao passo em que também existiam expectativas acerca do deleite público, dos interesses do mercado impresso e dos dilemas dogmáticos e religiosos que envolviam esses seres. Como bem demonstrou Rafael Viegas e Luiz César Sá, essa circulação de narrativas sobre monstros decorria de uma “disponibilidade e indisponibilidade de recursos retórico-poéticos, jurídicos, teológicos e morais do período”<sup>55</sup>. Desse modo, faz sentido pensar como os monstros estavam assentados em uma base histórica factual, sendo os impressos sobre tais seres, elementos que sofriam com as influências do seu contexto de produção. Amplamente distribuídos, esses textos moldavam e eram moldados pelo seu público leitor. Assim, se o monstro era um objeto ativo no comércio de impressos<sup>56</sup>, cabe dizer que ele despertava uma reação nos indivíduos e

<sup>54</sup> No original: “*Produits d'écrivains très sensibles à la morale de leur temps, ils sont destinés opà un assez large public, peut-être surtout composé de sympathisants des idéaux diffusés*”. LIEBEL, Silvia. **Les Médées modernes**. p. 203.

<sup>55</sup> VIEGAS, Rafael; SÁ, Luiz César. A singularidade compósita: o Monstro de Ravenna em manuscritos italianos. **História (São Paulo)**. São Paulo. vol. 41, 2022, p. 1-30. Esp. p. 3.

<sup>56</sup> Whitney Dirks-Schuster exemplifica essa questão ao evidenciar a expressiva quantidade de títulos

mobilizava um conjunto de ideias, as quais colocavam em xeque aspectos relativos ao poder, à organização da sociedade, às identidades humanas, às alianças políticas e às crenças religiosas.

Nesse universo de questões, discutir sobre o papel das fontes impressas é também fomentar um espaço para se considerar a importância da imprensa e dos materiais oriundos dessa invenção mediante tempo e espaço. É permitir uma ampla reflexão das disputas e apropriações que são colocadas em torno da produção, redação e edição dos textos, uma vez que esses são pautados em escolhas e interesses de certos grupos sociais. Por outro lado, analisar tais documentos é também ponderar sobre os silêncios e as falas que eles preconizam por meio de suas palavras ou imagens. É ter em mente como o conhecimento foi e continua a ser compartilhado, evidenciando ainda aspectos da dita normatividade ou daquilo que foge a ela. Não se esgota, portanto, o campo de reflexão em torno dos impressos e da ação dos sujeitos que os recobrem. Produtos históricos por excelência, criações humanas no tempo, tais documentos possibilitam uma rica e diversificada leitura das sociedades passadas, incorporando questões que ainda rondeiam o atual presente. Daí decorre uma das inúmeras razões para um olhar minucioso em torno desses elementos.

## Fontes

ANÔNIMO. *A relation of a terrible monster taken by a fisherman neere Wollage, July the 15. 1642.* and is now to be seen in Kings Street, Westminster. The shape whereof is like a toad, and may be called a toad-fish, but that which makes it a monster, is, that it hath hands with fingers like a man, and is chested like a man. Being neere five foot long, and three foot over, the thicknesse of an ordinary man. The following discourse will describe him more particularly. Whereunto is added, a relation of a bloudy encounter betwixt the Lord Faulconbridge and Sir John Hotham, wherein the Duke of Richmond is hurt, and the Lord Faulconbridge

---

que mencionavam a monstruosidade no século XVII, o que leva a supor esse grande interesse em textos sobre monstros na época. Ver mais em: DIRKS-SCHUSTER, Whitney. **Monsters, News, and Knowledge Transfer in Early Modern England.** f. 30.

taken prisoner. With some other misselanies of memory both by sea and land, with some forreigne occurrences. Londres: (s.n.) para Nath. Butter, 1642. Disponível em: <https://www.proquest.com/books/relation-terrible-monster-taken-fisherman-neere/docview/2240942070/se-2>. Acesso em: 05 jan. 2023.

ANÔNIMO. *A strange and terrible sight forseen in this kingdome, and city of London: together with the countrimans antidote for its prevention.* Londres: (s.n.) para Ed. Blackmore e Tho. Banks, 1643. Disponível em: <https://www.proquest.com/books/strange-terrible-sight-forseen-in-this-kingdome/docview/2240942582/se-2>. Acesso em: 09 jan. 2023.

## Referências

ARAÚJO, André de Melo. O artefato impresso na Época Moderna: forma e materialidade dos produtos da prensa manual preservados no acervo de obras raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*. São Paulo, vol. 29, 2021, p. 1-51.

ARAÚJO, André de Melo. O conhecimento impresso: Práticas editoriais e estratégias comerciais nos manuais de impressão da Época Moderna. *VARIÀ HISTÓRIA*, Belo Horizonte, vol. 36, nº 70, 2020. jan. /abr., p. 53-90.

BARATTA, Luca. *A Marvellous and Strange Event: racconti di nascite mostruose nell'Inghilterra della prima età moderna*. Firenze: Firenze University Press, 2016.

BATES, Alan. *Emblematic Monsters: Unnatural Conceptions and Deformed Births in Early Modern Europe*. Nova York: Rodopi, 2005.

BEAL, Timothy. Introduction to Religion and Its Monsters. In: WEINSTOCK, Jeffrey Andrew (ed.). *The Monster Theory Reader*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020, p. 295-302.

BERTIN, Juliana. O monstro invisível: o abalo das fronteiras entre monstruosidade e humanidade. *Outra travessia*. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, vol. 22, 2016, p. 37-54.

BRADDICK, Michael. Mobilisation, anxiety and creativity in England during the 1640's. In: MORROW, John; SCOTT, Jonathan (eds.). *Liberty, Authority, Formality: political ideas and culture, 1600-1900*. Exeter: Imprint Academic, 2010, p. 175-193.

BRENNER, Alletta. The Good and Bad of that Sexe: Monstrosity and Womanhood in Early Modern England. *Intersections*. Budapeste, vol. 10, nº 2, 2009, p. 161-175.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo, vol. 1, nº 5, 1991, p. 173-191.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. Dourados, Mato Grosso do Sul: *Fronteiras*. Vol.13, nº.24, jul./dez. 2011, p. 15-29.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manoela Galhardo. 2<sup>a</sup>ed. Rio de Janeiro: Memória e sociedade, 2002.

COHEN, Jeffrey Jerome (ed.). *Monster Theory: Reading Culture*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

CRESSY, David. Monstrous Births and Credible Reports: Portents, Texts, and Testimonies. In: \_\_\_\_\_. *Travesties and transgressions in Tudor and Stuart England: tales of discord and dissension*. Oxford: Oxford Scholarship Online, 2011, p. 29-50.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente, 1300-1800 - Uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DIRKS-SCHUSTER, Whitney. *Monsters, News, and Knowledge Transfer in Early Modern England*. 2013. 341 f. Tese (Doutorado em Filosofia na Graduate School). The Ohio State University, Columbus, 2013.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8<sup>a</sup>ed. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HALASZ, Alexandra. *The marketplace of print: Pamphlets and the public sphere in early modern England*. New York: Cambridge University Press, 1977.

HILL, Christopher. *O mundo de ponta-cabeça: ideias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640.* Tradução de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HILL, Christopher. Sociedade e literatura na Inglaterra do século XVII. *VARIA HISTÓRIA*, Belo Horizonte, nº 14, set/1995, p. 94-109.

HIRSCH, David. Liberty, Equality, Monstrosity: Revolutionizing the Family in Mary Shelley's Frankenstein. In: COHEN, Jeffrey (ed.). *Monster Theory: Reading Culture*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996, p. 115-140.

JEHA, Julio (org.). *Monstros e Monstruosidades na Literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

KAPPLER, Claude. *Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LIEBEL, Sílvia. *O mundo às avessas na Europa dos séculos XVI e XVII: Humor, sandice e crítica social*. 2006. 180 f. Dissertação (Mestrado em História, linha de pesquisa Espaço e Sociabilidades). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba, 2006.

LIEBEL, Sílvia. *Les Médées modernes: La cruauté féminine d'après les canards imprimés Français (1574-1651)*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2013.

LIMA, Verônica Calsoni. *Da edição à sedição: a composição e a dispersão de impressos radicais na Inglaterra, 1650-1680*. 2023. 458 f. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

MEGANI, Ana Paula. Escritos breves para circular, relações, notícias e avisos durante a Alta Idade Moderna (Sécs. XV-XVII). *VARIA HISTÓRIA*, Belo Horizonte, vol. 35, nº 68, 2019. mai./ago, p. 535-563.

MUCHEMBLE, Robert. *Uma História do Diabo - Séculos XII-XX*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

PESAVENTO, Sandra. Cultura e Representações, uma trajetória. *Anos 90*. Porto Alegre, vol. 13, nº 23/24, 2006, jan./dez, p. 45-58.

PLOMER, Henry; et. al. *A dictionary of the printers and booksellers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1668 to 1725*. Oxford: Oxford University Press, 1922. Disponível em: <https://archive.org/details/dictionaryofprin00plomiala/page/118/mode/2up>. Acesso em: 12 ago. 2024.

RAYMOND, Joad. What is a pamphlet?. In: RAYMOND, Joad. *Pamphlets and pamphleteering in early modern Britain*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 4-26

SILVA, Vanessa Simon da. *O grotesco e o monstruoso entre culturas: do discurso científico aos folhetos de cordel brasileiros*. 2016. 117 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais). Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2016.

SUNKEL, Guillermo. Las matrices culturales y la representación de lo popular en los diarios populares de masas aspectos históricos y fundamentos teóricos. In: \_\_\_\_\_. *Razón y pasión en la prensa popular*. Santiago: ILET, 2016, p. 33-62.

VIEGAS, Rafael; SÁ, Luiz César. A singularidade compósita: o Monstro de Ravenna em manuscritos italianos. *História (São Paulo)*. São Paulo. vol. 41, 2022, p. 1-30.

WILTENBURG, Joy. *Disorderly Women and Female Power in the Street Literature of Early Modern England and Germany*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1992.

YAGO, Daniel Françoli. *A caravana dos prodígios - Maravilhas, figuras grotescas e freaks na obra “Noites no Circo” de Angela Carter*. 2017. 192 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2017.

Recebido em: 19/07/2024

Aceito em: 10/12/2024